

António Flores, o mestre da Neurologia em Lisboa

«Um ilustre desconhecido». É assim que António José Pereira Flores (neurologista, psiquiatra e professor) é recordado nas palavras do Prof. Vitor Oliveira. No Congresso de Neurologia 2013, o presidente da SPN vai proferir uma conferência dedicada ao percurso desta «extraordinária personalidade», no dia 7 de novembro, entre as 18h30 e as 19h00.

Inês Melo



DR

Encontro-nos com o Prof. Vitor Oliveira no museu do Serviço de Neurologia do Hospital de Santa Maria, em Lisboa. Ao nosso redor, sobressaem as inúmeras homenagens a António Egas Moniz. «Não considero que o Prof. António Flores tenha vivido na sombra de Egas Moniz, seu contemporâneo. Era uma pessoa extremamente discreta, que não tinha necessidade de se evidenciar. Por ser tão reservado, é muito difícil encontrá-lo nas fotografias da época», começa por explicar o presidente da SPN.

António José Pereira Flores nasceu na capital, no dia 3 de janeiro de 1883. Frequentou a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e terminou a licenciatura em 1906. Depois, partiu para França e, mais tarde, para a Alemanha, onde estagiou nas principais clínicas neurológicas da Europa. «Ao longo de cinco anos, trabalhou de perto com Alois Alzheimer e Oskar Vogt. Foi, aliás, com este último especialista que desenvolveu a sua tese

de licenciatura sobre o sistema nervoso do ouriço-cacheiro», conta Vitor Oliveira.

«Braço direito» de Egas Moniz

De regresso a Portugal, António Flores assistiu à formalização da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL) e, com ela, da cadeira de Neurologia (em 1911). «Na altura, houve um certo alvoroço na comunidade médica lisboeta, sobre quem devia ocupar a cátedra», conta Vitor Oliveira. Egas Moniz, mais velho e já professor catedrático em Coimbra, assumiu o lugar sem sobressaltos, convidando António Flores para assistente.

Segundo o presidente da SPN, António Flores tinha uma sólida preparação neurológica e foi o grande clínico da Escola da Neurologia de Lisboa, «possuindo qualidades de ensino que Egas Moniz não tinha». Na época, as suas «lições» terão constituído um dos pontos mais altos do ensino na FMUL. Durante mais de 30 anos, António Flores foi também o braço direito de Egas Moniz na direção do Serviço de Neurologia do Hospital de Santa Marta. «Era um indivíduo rigoroso, autónomo e muito discreto, que foi o sustentáculo do Serviço durante as ausências de Egas Moniz.»

Por limitações no quadro de Neurologia, António Flores acabou por ser convidado para ocupar a cátedra de Psiquiatria e só mais tarde regressou à Neurologia, sucedendo a Egas Moniz.

Durante esse tempo, fez parte da comissão que acompanhou a criação do Hospital Júlio de Matos, em Lisboa, do qual viria a ser o primeiro diretor. Nesse mesmo ano de 1941, foi ainda nomeado diretor do Hospital Miguel Bombarda, também na capital.

Embora não tenha publicado nenhum trabalho de grande relevo científico, António Flores teve o merecido reconhecimento junto da comunidade neurológica. Em 1940, foi indigitado para bastonário da Ordem dos Médicos, cargo que ocupou durante três anos consecutivos. «Como clínico, era a pessoa que melhor conhecia os meandros da Neurologia. Trata-se de uma personalidade extraordinária, que não deve ser esquecida pelas próximas gerações», sublinha Vitor Oliveira. 🌟



Entre 1940 e 1943, o Prof. António Flores foi bastonário da Ordem dos Médicos (OM). Este retrato do neurologista está exposto na sede da OM em Lisboa

Histórias de família

Do convívio com João Flores Bugalho, neto deste «ilustre desconhecido», o Prof. Vitor Oliveira guarda curiosidades sobre a personalidade extremamente metódica do neurologista, mas também algumas histórias que passaram de geração para geração. Segue-se um desses episódios:

«Em casa, o Prof. António Flores tinha um pequeno laboratório onde gostava de trabalhar e, por isso, era lá que muitas vezes recebia material para analisar. Certa altura, ficou combinado que um colaborador do Hospital Escolar de Lisboa lhe iria levar um cérebro para estudar. Quando chegou a casa, António Flores perguntou à empregada, contratada há pouco tempo, se não lhe tinham deixado uma encomenda. Muito despachada, ela disse que sim, que o senhor do talho – tinha bata branca e tudo – trouxe um cérebro, que já estava pronto... Naquele dia, tinham mioleira para o almoço.»